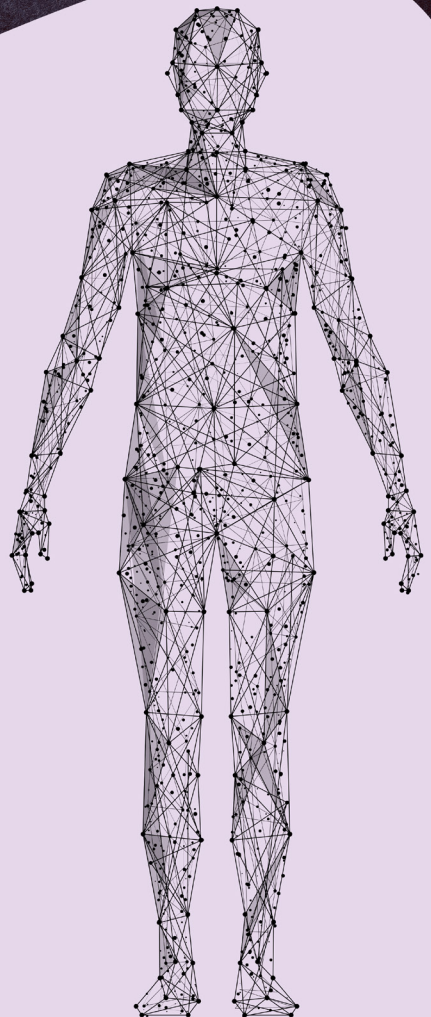


AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO PROTAGONISTAS NO MUNDO ATUAL 2

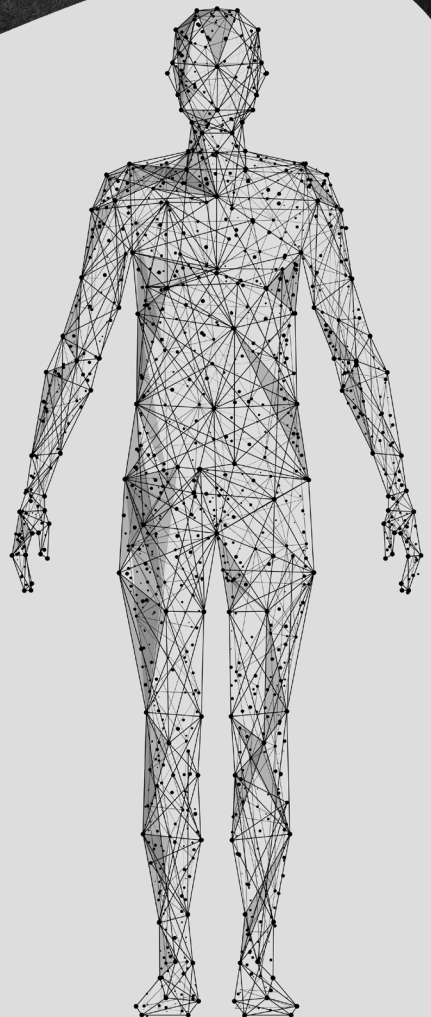
GUSTAVO HENRIQUE CEPOLINI FERREIRA
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2021

AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO PROTAGONISTAS NO MUNDO ATUAL 2

GUSTAVO HENRIQUE CEPOLINI FERREIRA
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lillian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

As ciências humanas como protagonistas no mundo atual 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 As ciências humanas como protagonistas no mundo atual 2
/ Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-056-5

DOI 10.22533/at.ed.565211105

1. Ciências humanas. I. Ferreira, Gustavo Henrique
Cepolini (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea “As Ciências Humanas como Protagonistas no Mundo Atual 2” cuja diversidade teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de quinze capítulos de professores, técnicos e pesquisadores oriundos de diferentes instituições.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento da Educação Básica no país em consonância com a formação de professores entre outras pesquisas que fomentem o desenvolvimento do país. Por isso, reitera-se a oportunidade em debater o papel das Ciências Humanas e seu protagonismo no mundo atual a partir de uma visão crítica, comprometida e propositiva para derrubar muros, cercas e fronteiras.

No decorrer dos capítulos as autoras e os autores apresentam leituras inerentes à formação de professores indígenas, metodologias do Ensino de Sociologia, breve panorama sobre o Ensino de Espanhol e as práticas interculturais, a literatura africana e as diferenças culturais, saúde e psicologia no planejamento educacional, ciências da religião e suas múltiplas abordagens e sindicalismo. Temos importantes e profícuas leituras que apresentam e articulam cada uma ao seu modo uma reflexão enfatizando as ciências humanas e seus desdobramentos na contemporaneidade.

Assim, esperamos que as análises e contribuições ora publicadas na Coletânea da Editora Atena propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates para compreensão das ciências humanas para compreensão e transformação do mundo atual, e, sobretudo, estabelecendo diálogos e pontes para um novo presente-futuro.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS NO ESTADO DO MARANHÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS PROFESSORES INDÍGENAS KRIKATI

Ilma Maria de Oliveira Silva

DOI 10.22533/at.ed.5652111051

CAPÍTULO 2..... 14

REFLEXÕES EM TORNO DAS METODOLOGIAS DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO RURAL: A ETNOGRAFIA E ANTROPOLOGIA VISUAL NA EEM RAIMUNDO ADJACIR CIDRÃO DE OLIVEIRA

Heldo da Silva Mendonça

DOI 10.22533/at.ed.5652111052

CAPÍTULO 3..... 27

LA ENSEÑANZA DEL IDIOMA ESPAÑOL, EN EL CONTEXTO FRONTERIZO, POR MEDIO DE LA UTILIZACIÓN DE UN OBJETO DE APRENDIZAJE

Vivian Cross Turnes

Márcia Garcez de Ávila

Juliana Brandão Machado

DOI 10.22533/at.ed.5652111053

CAPÍTULO 4..... 37

PRÁTICA REFLEXIVA: UMA AÇÃO TRANSFORMADORA DE CONHECIMENTOS SOBRE A INTERCULTURALIDADE DA LÍNGUA ESPANHOLA DOS PAISES HISPÂNICOS

Adailza Aparício de Miranda

Adalberto Gomes de Miranda

Adailson Aparício de Miranda

DOI 10.22533/at.ed.5652111054

CAPÍTULO 5..... 48

REPRESENTATIVIDADE AFRICANA NA LITERATURA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Débora Monteiro da Silva

Luzia Helena Brandt Martins

Mariana Gonçalves Paz

DOI 10.22533/at.ed.5652111055

CAPÍTULO 6..... 60

DIFERENÇA CULTURAL COMO PAPEL INFLUENCIADOR NAS NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS: O CASO SINO-ALEMÃO À LUZ DA TEORIA EDWARD T. HALL

Victoria Zago Mendes

Andreia Coutinho e Silva

DOI 10.22533/at.ed.5652111056

CAPÍTULO 7.....	75
MULHERES NEGRAS E O PROCESSO DE TRANSIÇÃO CAPILAR Andresa Fernanda Almeida de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.5652111057	
CAPÍTULO 8.....	80
COMPETÊNCIAS COMO MÉRITO INDIVIDUAL NA ARTICULAÇÃO PROFISSIONAL – UMA VISÃO NO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM Cinthia da Rocha Azevedo Irlaine Aparecida Favoretto DOI 10.22533/at.ed.5652111058	
CAPÍTULO 9.....	88
ACOMPANHAMENTO LONGITUDINAL DE CARACTERÍSTICAS SÓCIO DEMOGRÁFICAS E PSICOLÓGICAS DE ESTUDANTES DE CURSOS DE GRADUAÇÃO DA ÁREA DA SAÚDE: A EXPERIÊNCIA DA FMRP-USP NA PRODUÇÃO DE DADOS PARA O PLANEJAMENTO EDUCACIONAL Maria Paula Panúncio-Pinto Karolina Murakami Marcia Baumann Di Stasio Luiz Ernesto de Almeida Troncon Victor Evangelista de Faria Ferraz DOI 10.22533/at.ed.5652111059	
CAPÍTULO 10.....	102
A JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA: EXPERIÊNCIA DE ESPIRITUALIDADE NA MODERNIDADE Dênis Nunes de Araújo DOI 10.22533/at.ed.56521110510	
CAPÍTULO 11.....	115
DIREITO RELIGIOSO: ANÁLISE DA ABORDAGEM RELIGIOSA NO ORDENAMENTO JURÍDICO BRASILEIRO E A CORRELAÇÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA COM OS DEMAIS DIREITOS E GARANTIAS CONSTITUCIONAIS Beatriz Cunha Duarte DOI 10.22533/at.ed.56521110511	
CAPÍTULO 12.....	126
AS PERFORMANCES DO CARIMBÓ: CULTURA POPULAR PARAENSE E RELIGIOSIDADE Elyane Lobão da Costa DOI 10.22533/at.ed.56521110512	
CAPÍTULO 13.....	139
PROFETA-SERVO/PROFETA-ESCRAVO: LIBERTAÇÃO/SALVAÇÃO DO POVO DE DEUS POR MEIO DA JUSTIÇA, DA SOLIDARIEDADE E DA MÍSTICA Karine Marques Rodrigues Teixeira Rosemary Francisca Neves Silva DOI 10.22533/at.ed.56521110513	

CAPÍTULO 14.....	147
O PAROXISMO DOS EXTREMOS: A ASCENSÃO DO EXTREMISMO POLÍTICO E DO FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO NA SOCIEDADE INTERNACIONAL E OS RISCOS AO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO	
<i>Alexandre Nogueira Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.56521110514	
CAPÍTULO 15.....	160
O PAPEL DO SINDICATO NAS RECLAMATÓRIAS TRABALHISTAS: O CASO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA	
<i>Jenifer de Brum Palmeiras</i>	
DOI 10.22533/at.ed.56521110515	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	171
ÍNDICE REMISSIVO.....	172

CAPÍTULO 2

REFLEXÕES EM TORNO DAS METODOLOGIAS DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO RURAL: A ETNOGRAFIA E ANTROPOLOGIA VISUAL NA EEM RAIMUNDO ADJACIR CIDRÃO DE OLIVEIRA

Data de aceite: 01/05/2021

Data de submissão: 05/02/2020

Heldo da Silva Mendonça

Professor de sociologia da Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará (SEDUC) e atualmente coordenador escolar na EEM Raimundo Adjacir Cidrão de Oliveira em Tauá-Ceará.

<http://lattes.cnpq.br/3392217026966190>

RESUMO: O presente artigo trata tanto do campo de atuação da Antropologia discutindo elementos para a inclusão de conteúdos e pontos de vista antropológicos utilizando a etnografia como do uso de imagens como propostas para as aulas de sociologia do Ensino Médio. As reflexões apresentadas serão viáveis a partir do que se conhece sobre mediação didática considerando que os estudantes são sujeitos tendo como base os princípios epistemológicos da desnaturalização e do estranhamento os tornando aptos a serem investigadores críticos e protagonistas do processo de construção do conhecimento, tendo a pesquisa como aliada. Reforça-se o espaço em que a Antropologia ocupa e seus desafios, bem como se traz uma discussão sobre a importância de seu método etnográfico para fomentar esse olhar antropológico do professor possibilitando novas perspectivas. Incluem-se algumas contribuições que as imagens, destacando a fotografia, fornecem ao ensino de sociologia trazendo uma apresentação das inúmeras possibilidades que

o campo oferece, pois se trata de uma escola de ensino médio rural nos sertões cearenses. Portanto, a diversificação de recursos didáticos e a elaboração de metodologias de ensino dependem também do professor através de sua capacidade criativa, da problematização e da imaginação sociológica.

PALAVRAS - CHAVE: Antropologia, Ensino de Sociologia, Etnografia, Mediações Didáticas e Ensino Médio Rural.

REFLECTIONS AROUND SOCIOLOGY TEACHING METHODOLOGIES IN RURAL HIGH SCHOOL: ETHNOGRAPHY AND VISUAL ANTHROPOLOGY IN EEM RAIMUNDO ADJACIR CIDRÃO DE OLIVEIRA

ABSTRACT: This article deals with both the field of action of Anthropology discussing elements for the inclusion of content and anthropological points of view using ethnography and the use of images as proposals for high school sociology classes. The reflections presented will be feasible based on what is known about didactic mediation, considering that students are subjects based on the epistemological principles of denaturalization and strangeness, making them able to be critical investigators and protagonists of the knowledge construction process, having the research as an ally. The space in which Anthropology occupies and its challenges is reinforced, as well as a discussion about the importance of its ethnographic method to foster this anthropological view of the teacher, enabling new perspectives. Included are some contributions that the images, highlighting photography, provide to the teaching

of sociology bringing a presentation of the countless possibilities that the field offers, as it is a rural high school in the backlands of Ceará. Therefore, the diversification of didactic resources and the development of teaching methodologies also depend on the teacher through his creative capacity, problematization and sociological imagination.

KEYWORDS: Anthropology, Sociology Teaching, Ethnography, Didactic Mediations and Rural High School

1 | INTRODUÇÃO

A Sociologia como disciplina escolar no Ensino Médio engloba o ensino da Antropologia, da Ciência Política e da Sociologia, sendo as três áreas que constituem as Ciências Sociais. É fundamental que seu ensino possa contribuir para a compreensão da realidade social de modo amplo e significativo desnaturalizando e estranhando aquilo que pode ser visto como um fenômeno natural ou até mesmo sobrenatural para se entender a vida social.

No entanto, é perceptível que as orientações metodológicas mesmo presentes nos documentos orientadores, tanto nacionais quanto estaduais e nos materiais didáticos ainda carecem de suportes que ampliem o repertório a ser desenvolvido nas aulas. A dinâmica de sala de aula tem exigido do professor uma variedade de recursos que tornem sua ação mais significativa e potencializada resultando em aprendizagens.

Mesmo sendo uma disciplina que ainda vive num processo de intermitência, a sociologia no ensino médio necessita da construção de metodologias diferenciadas para que se adeque ao saber escolar e às diferentes concepções de mundo dos alunos, visando uma apropriação instrumentalizada de um entendimento sobre a realidade social, que por sinal é complexa e dinâmica. Os recursos como imagens e vídeos são possibilidades a desenvolver nos estudantes as potencialidades do pensar sociológico, despertando o pensamento crítico e a provocar inquietações diante do mundo que nos cerca. Porém, se faz necessário alguns critérios para essas escolhas.

A Antropologia pode ser um diferencial neste processo de ensino de sociologia com seu método etnográfico contribuindo para que os professores desenvolvam no estudante uma percepção mais próxima da realidade despertando uma reflexão diferenciada, já que serão futuros profissionais, membros de uma sociedade, participantes dos mais diversos grupos sociais, no relacionamento com outros grupos e até mesmo para compreendê-los como indivíduos tomando como partida seu espaço social com um olhar diferente do etnocêntrico no qual muitos de nós fomos instruídos.

Mediante a afirmação de que o conhecimento antropológico não se reduz à formação escolar, como também é importante à formação humana em torno da compreensão de si e da própria humanidade faz-se necessário destacar que ao estudar a Antropologia, entendemos a etnografia como instrumento desta compreensão. Segundo Marisa Peirano (2014) ao recorrer a Evans-Pritchard:

A etnografia é a ideia-mãe da Antropologia, ou seja, não há antropologia sem pesquisa empírica. A empiria – eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos – é o material que analisamos e que para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação. (PEIRANO, 2014, p. 380)

Continuando nessa discussão a autora afirma que a etnografia estava anteriormente relacionada apenas ao fazer prático, pois era atribuído um menor significado que a etnologia que se concentrava na teorização dos dados. Num segundo momento, a etnografia é questionada pelos próprios antropólogos que visavam à chamada “autoridade etnográfica”.

A pesquisadora destaca que “a etnografia volta à cena de forma positiva e potencialmente criativa” (PEIRANO, 2014, p. 6). E continua ressaltando que, “a (boa) etnografia de inspiração antropológica não é apenas uma metodologia e/ou uma prática de pesquisa, mas a própria teoria vivida” (PEIRANO, op. Cit. p. 9).

Outra proposta ao ensino de sociologia gira em torno do uso de imagens, mas é interessante enfatizar que existem contestações entre realidade e imagem. Muitas questões emergem desta afirmativa, como por exemplo: Pode-se utilizar da imagem para analisar o contexto social? As produções audiovisuais contribuem para a compreensão da vida social? Quais cuidados se devem ter ao usar as imagens na sala de aula? No último tópico vamos discutir sobre essas inquietações que são pertinentes e abriremos uma rápida discussão em torno da fotografia trazendo algumas sugestões metodológicas.

É fundamental que as Ciências Sociais e suas três áreas possuam seus recortes teórico-conceituais como também de cunho metodológico, diante disto podemos adquirir novas percepções sobre o que se entende de realidade. Nos estudos de Bauman e May (2010) situações do cotidiano que precisam ser compreendidas partindo daqueles que ocupam determinados espaços ao:

...procurar explicá-las pode se provar algo desafiador às formas existentes de ver – posto que essas formas de ver se relacionam a um segundo sentido de entendimento, que nos dá forma a nosso conhecimento de um ambiente que nos capacita a nele agir e ter bom desempenho (BAUMAN, MAY, 2010, p. 264).

A partir de recursos didáticos subsidiados pela Antropologia Visual destacaremos possibilidades para o ensino de sociologia em nosso campo que é a Escola de Ensino Médio Raimundo Adjacir Cidrão de Oliveira localizada na Vila de Marrecas nos sertões do estado do Ceará. A escola está a vinte e seis quilômetros (26 km) da sede do município de Tauá, Marrecas é um celeiro de produção cultural e religiosa, como cenários de decisões políticas em seus tradicionais festejos religiosos de Jesus, Maria e José.

2 I MEDIAÇÕES DIDÁTICAS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS REVISITADAS

A prática docente exige que o professor realize a mediação didática, porém existem aqueles ou aquelas que são inconscientes do seu próprio fazer em sala de aula. Esta, por sua vez, se configura com a forma que o docente faz com que os seus conhecimentos possibilitem aos alunos o desenvolvimento de seus saberes. A mediação requer do professor não só o ensinar, mas a pesquisa como ação para que na etapa do planejamento tenha clareza do que será proposto e o aluno possa se apropriar do objeto de estudo.

Superficialmente, acredita-se que é um princípio básico da docência, mas na prática tem se apresentado como complexo. A mediação didática traz para o que ensina a tarefa de promover no aluno uma compreensão do mundo que o cerca de forma autônoma e crítica. Essa finalidade não deve se restringir à sociologia, mas é uma finalidade da educação em geral de formar um cidadão crítico (BRASIL, 2006).

Como nos propomos a falar de ensino, em nosso caso de sociologia, precisamos distinguir transposição didática, mediação didática e didatização de conteúdo. A transposição didática, definida por Chevallard (1991), enfatiza o conhecimento acadêmico como basilar para a construção do objeto de ensino, nessa perspectiva a legitimação dos saberes escolares fica na dependência da comunidade de pesquisadores das academias.

No que tange a mediação didática vem como posicionamento crítico à concepção de transposição considerando as práticas sociais como fundamentais à introdução ou permanência de novos saberes na escola contemplando as diferentes dimensões do currículo. Segundo Silva (2011), “[...] o professor não pode realizar a transposição didática, mas apenas operar nela” (p. 190).

Entende-se que a mediação didática é a transformação de um saber em um objeto de estudo se configurando numa adequação para que o estudante possa perceber e interpretar aquele objeto de estudo. Isso nos mostra que a aprendizagem não é uma tarefa fácil sendo um processo mútuo entre os sujeitos, e que aspectos sociais, políticos, culturais, ideológicos, econômicos e subjetivos são interdependentes. Já a didatização do conteúdo é muito comum nos professores de sociologia não licenciados na disciplina ou egressos de outras licenciaturas que tendem a dar prioridade às escolhas metodológicas, muitas vezes até desconexas aos objetivos específicos das Ciências Sociais, provocando um esvaziamento dos temas, teorias e conceitos que deveriam ser o pano de fundo para tais decisões.

Logo, na condição de mediador do desenvolvimento potencial do aluno, o professor de sociologia no ensino médio deve a partir do que o aluno já vivencia e compreende sobre a sociedade e sua cultura, propor uma desnaturalização das estruturas sociais, fazendo com que analisem os fenômenos sociais de forma crítica nos diferentes contextos. Segundo Meirelles e Schweig (2012):

[...] a tarefa do professor de Sociologia – e também do antropólogo que adentra a sala de aula – reside na busca das pré-noções que existem nos educandos, o qual deve oportunizar a estes a sistematização e o estabelecimento de um diálogo entre os conteúdos escolares e a realidade na qual este está inserido. Dessa forma, aqui fazemos referência a desnaturalização dos aspectos socialmente construídos, de modo que este é um importante objetivo a ser perseguido pelo professor em suas aulas (MEIRELLES; SCHWEIG, 2012, p. 5).

Assim, ao planejar a sua mediação didática o docente visa um melhor aprendizado dos seus alunos, não ignorando a realidade dos mesmos, pois esta também precisa ser estudada, problematizada, pois é nela que se estabelecem as interações do cotidiano. Este percurso não pode ser traçado, mas apontado como citam Meirelles e Schweig (2012):

Nesse sentido, para a efetivação desse objetivo, se partirmos da lógica de construção do conhecimento a partir de uma abordagem construtivista com base nas categorias propostas por Jean Piaget teremos que o processo de construção do conhecimento poderia se dar com base em dois caminhos distintos – não excludentes entre si, mas, sobretudo, complementares – que tanto os alunos como os professores percorrem com vistas à significação/ressignificação de conteúdos trabalhados em sala de aula. Tais caminhos, tecidos a partir da abordagem que aqui propomos, parte da interação dialógica entre aluno e professor e, desses sujeitos com o meio, com as pessoas que os cercam, com o contexto da sala de aula da qual fazem parte. Desse modo, não excluem de forma alguma, portanto, a realidade vivida pelo aluno fora da sua escola, na sua comunidade, na sua casa (MEIRELLES; SCHWEIG, 2012, p. 6).

3 | A ETNOGRAFIA COMO PROPOSTA NAS AULAS DE SOCIOLOGIA

Iniciando este momento da discussão destaca-se que nossa proposta não é trazer aos professores e, estes aos seus alunos uma etnografia no seu sentido clássico antropológico. Sabemos que não são finalidades do professor de sociologia do ensino médio formar sociólogos, antropólogos ou cientistas políticos. Nossa intenção é que o professor leve ao aluno a partir das lentes de tais conhecimentos, saberes que ultrapassem a escola e que fazem parte do seu cotidiano, assim a etnografia viria a ser mais que uma mera descrição do observado.

O professor de sociologia pode levar a sala de aula propostas de trabalho envolvendo pesquisas que despertem no aluno um olhar antropológico utilizando o método etnográfico como, por exemplo: os festejos religiosos, as manifestações culturais, as histórias contadas pelos mais velhos, às relações cotidianas entre amigos, familiares ou dos que despertam curiosidade e não fazem parte do convívio mais próximo, das produções culturais locais que muitas vezes passam despercebidas ou ignoradas pela própria comunidade em que habitam.

Enfim, são inúmeras possibilidades, de atividades com recursos diversificados como

uso de imagens através de desenhos, fotografias, produção de documentários e demais linguagens visuais que constituem a Sociologia Visual. Interesses como estes também podem partir dos alunos e cabe ao docente potencializá-los. Conforme Pimenta (2013, p. 9), “primeiramente, é fundamental retirar a pesquisa de um pedestal em que apenas alguns privilegiados podem alcançar”. O aluno do ensino médio pode a partir daí desenvolver o gosto pela pesquisa abrindo perspectivas para a incitação científica.

Um apontamento interessante é que a utilização da etnografia ocorre por meio do princípio que, no caso de uma investigação sobre sua sociedade, uma exotização do familiar, trata-se de um estranhamento da realidade. Outro fator interessante da etnografia é que ela não se limita a um lugar. Como propõe Pimenta (2013):

Poderíamos utilizar a etnografia como um estimulante exercício da imaginação sociológica. Do ponto de vista prático, o exercício etnográfico poderia ser realizado em qualquer escola – por mais precária que sejam suas condições, pois o discente poderia elaborar relatos etnográficos de contextos acessíveis a ele: na sua família, na sua rua, no seu bairro, na sua comunidade rural, no seu grupo juvenil, no seu trabalho, etc. É comum professores objetarem novas práticas pedagógicas pela falta de condições objetivas, porém o relato etnográfico não exige, à priori, uma estrutura institucional para sua realização. Exige dos professores além do conhecimento sobre a arte da pesquisa, um planejamento que possibilite o trabalho etnográfico ao longo de determinada quantidade de semanas ou de bimestres, algo que dependerá muito do nível de desenvolvimento dos educandos e dos objetivos elaborados pelo docente (PIMENTA, 2013, p. 10).

Ao propor a perspectiva etnográfica o professor deve fazer com que o aluno a exercite, explicando seu processo de construção na antropologia. Apresentar o diário de campo como aliado é outro passo. Segundo Florence Weber (2008):

Uma parte expressiva do ofício do etnógrafo reside na construção do diário de campo. Esse é um instrumento que o pesquisador se dedica a produzir dia após dia ao longo de toda a experiência etnográfica. É uma técnica que tem por base o exercício da observação direta dos comportamentos culturais¹ de um grupo social, método que se caracteriza por uma investigação singular que teve Bronislaw Malinowski como pioneiro e que perdura na obra de um Marcel Maquet, caracterizada pela presença de longa duração de um pesquisador-observador convivendo com a sociedade que ele estuda (WEBER, 2008, p. 157-158).

É fundamental que nas aulas que sejam propostas as atividades já sugeridas e outras que envolvam a pesquisa se esclareçam que os diários de campo podem ser espaços de registro das várias linguagens não se resumindo a escrita exercendo outras funções. Como Weber (2008) destaca:

Eu distinguirei três tipos de diários: um diário de campo específico da etnografia; um diário de pesquisa, tal como poderia desenvolver um historiador ou um filósofo; e um “diário íntimo”. Nesse último caso, conforme o modelo dos diários autobiográficos em que são depositados os humores e as emoções de seu autor (WEBER, 2008, p. 158).

Portanto, o diário de campo não é uma camisa de força que coloca o pesquisador preso a uma única linguagem, a uma rigidez de códigos escritos e que a subjetividade seria algo a ser desapropriado do mesmo, o que na prática é impossível. Amurabi Oliveira (2012) aborda que:

Se ansiamos que nossos alunos conheçam um grupo indígena, um assentamento rural, ou mesmo um asilo, uma igreja, etc., precisamos antes discutir em sala de aula sobre estas realidades sociais, necessitamos despertar olhares atentos e curiosos, sensíveis a detalhes que poderiam passar despercebidos por aqueles que não desfrutassem de um debate prévio caso apenas fossem a campo (OLIVEIRA, 2012, p. 89).

Compreende-se que a etnografia, passando por uma mediação didática na sala de aula de sociologia, pode atrelar ensino e pesquisa, aproximando estudantes e seus professores da pesquisa empírica. Não deixamos de esclarecer que ensinar também exige como pressuposto a exploração de bibliografia para aprimoramento conceitual, teórico e temático, pressupostos metodológicos, para o planejamento das aulas. A partir da nossa proposta professor e aluno se tornam pesquisadores e podem até mesmo estarem juntos em campo, o primeiro na condição de orientador do processo e o segundo como protagonista do processo ensino e aprendizagem. Para Pimenta (2013):

Ademais, assumir a pesquisa como princípio educativo possibilitaria a um só tempo desenvolver a imaginação sociológica dos adolescentes e jovens e, também, inserir a pesquisa como pressuposto fundamental para a formação de professores, rompendo com a dicotomia entre ensino e pesquisa (PIMENTA, 2013, p. 9).

É perceptível o quanto a antropologia pode ajudar o aluno a pensar sobre a sociedade em que vive e até mesmo outras sociedades, outras culturas e lugares. Oliveira (2012, p. 88) enfatiza que: “a etnografia surge, justamente, a partir de uma ruptura com um modo de conhecer o outro, situando como fundamental o contato, e, mais que isso, o convívio, para se compreender uma determinada realidade cultural”.

O docente precisa ter clareza sobre o que e como irá abordar, evidenciando para a turma os objetivos, as estratégias, os recursos que serão utilizados e o tempo para o desenvolvimento de cada etapa. Como já proposto nos documentos oficiais que orientam os currículos o mesmo fará recortes da teoria, de acordo com o que se pretende avaliar, é por isso que propomos algo mais simples, mas que se bem explorado pelo professor resultará em boas práticas pedagógicas. Veja o que Oliveira (2012) traz no apontamento de outros autores:

Evidente que alunos de ensino médio não são antropólogos e não irão elaborar densas etnografias. Contudo, a pesquisa etnográfica é um modelo de pesquisa diferenciado do que é feito comumente nas escolas brasileiras, e com a condução do professor, uma experiência do senso comum pode se converter numa experiência etnográfica, fazendo da pesquisa escolar uma vivência elaborada (MOURA; MELO; DUARTE, 2015, p. 9).

Ao mesmo tempo em que na Sociologia e Antropologia, se afirma que, “as imagens eram tidas como registro do real, como uma leitura exemplar do real” (KOURY, 1999, p.50). Em outros termos não havia qualquer compreensão sobre a imagem se afirmando que a fotografia, por exemplo, era uma prova do real. Porém, ficou cada vez mais evidente que precisamos problematizar o que definimos como imagem e realidade, isto é, as imagens como reprodução da realidade.

O professor de sociologia pode utilizar imagens de diversas fontes como documentários, filmes, recortes de jornais e revistas, fotografias encontradas na internet ou de autoria dos próprios alunos diante de atividades direcionadas, bem como de uma exposição de imagens projetadas em equipamentos eletrônicos cabendo ao mesmo fazer os devidos recortes metodológicos a partir dos temas, teorias e conceitos sociológicos.

Reforçando o que estamos abordando, para Mills (1975), a imaginação sociológica é caracterizada pela percepção entre biografia e história, entre os indivíduos e estrutura. Bauman e May (2010) destacam que o olhar sociológico deve buscar as relações entre nossa biografia e as demais. Nessa perspectiva, o professor de sociologia deve criar condições para que o aluno tenha estas percepções ao olhar para os acontecimentos e configurações sociais que o cerca, passando do “olhar” para a prática de “ver”. Logo, é preciso despertar a prática do ver os enquadramentos sociais, caracterizado pelas atuações dos atores que são influenciados pelo meio ao qual estão inseridos.

A imagem no mundo contemporâneo vem cada vez mais ganhando espaço, pois a revolução tecnológica das lentes fotográficas e a universalização de aparelhos celulares, estes com grande relevância nos indicadores de acesso as câmeras fotográficas, trouxe a imagem fotográfica a captura de aspectos importantes das relações sociais as quais retratam (BOURDIEU, 1990; MARTINS, 2014). Assim como se sabe que sua presença é marcante no cotidiano, a fotografia vem atraindo diversos pesquisadores, tornando-se objeto de estudo e instrumento metodológico nas pesquisas de campo, sobretudo na Antropologia Visual e na Sociologia da Imagem. Porém, há inúmeras discussões em torno do seu uso.

Na sociologia temos em destaque Bourdieu (2006) e Martins (2014) que abordam essa proposta. Na percepção do primeiro autor a fotografia produzida nas práticas cotidianas pelos sujeitos comuns pode ser tomada como elemento de análise das relações e fenômenos sociais como da observação de seus usos sociais, sobretudo para a compreensão das estruturas sociais dos grupos envolvidos. Na concepção do outro estudioso a fotografia serve para os estudos sociológicos quando na sua produção já houver prévia intencionalidade por parte do sociólogo-fotógrafo. Martins (2014) destaca que o uso da fotografia é um registro de informações sociológicas, já Bourdieu (2006) como uma fonte documental que pode ser analisada num outro instante pelo sociólogo.

É relevante mencionar que o uso da fotografia para a captura de imagens exige conhecimentos técnicos que envolvem critérios de qualidade. Este conhecimento tem

sido muito divulgado e o domínio da técnica de fotografar tem recebido apoio do arsenal tecnológico que orienta e descomplica seus usos. As câmeras fotográficas vêm programadas para os ambientes, as cenas, a centralização e os ângulos da foto a ser tirada, mas exigem cuidados de quem farão os cliques. Segundo Leal (1990):

O ato de fotografar nos traz uma noção de posse de realidade e, ao mesmo tempo, a certeza da impossibilidade desta posse, de sua fragmentação, e necessidade de reconstrução e processo de revelação desta realidade. A nossa relação com o objeto é sempre uma relação de conhecimento e de poder onde um capta e o outro é captado (LEAL, 1990, p. 16).

Inúmeras são as possibilidades de uso da fotografia na sala de aula, desde que tenhamos todos os cuidados já discutidos e as reflexões teóricas que pontuamos. O professor ou professora pode propor a turma que utilizem seus celulares dando a estes o uso didático não só de uma pesquisa na internet, mas da câmera seja uma selfie ou no registro de uma paisagem/cenário do cotidiano e a partir daí se desenvolva uma aula. Outra forma interessante é a exposição fotográfica de imagens feitas pelos alunos do percurso de casa a escola ou o inverso, como também de atividades religiosas, culturais e artísticas da comunidade em que vive construindo um memorial fotográfico.

4 | A VILA DE MARRECAS: UM CAMPO A SER EXPLORADO

A Escola de Ensino Médio Raimundo Adjacir Cidrão de Oliveira localizada na Vila de Marrecas (sede distrital de Marrecas) a vinte e seis quilômetros (26 km) da sede do município de Tauá. O distrito de Marrecas foi instituído oficialmente no século XIX, por volta de 1856. A Vila de Marrecas está geograficamente às margens do rio Puiú, seu território, enquanto distrito, situado às margens do rio Puiú, Riacho da Roça e Riacho das Cacimbas.

Marrecas foi palco de inúmeras lutas pela posse da terra em nosso município, já que possuem grandes faixas de terras nas mãos de poucos donos (latifundiários) competindo ao INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária) o assentamento das famílias nas terras, chamado de Assentamento Bonifácio, onde residem alguns estudantes da escola.

A atividade econômica é voltada para a agricultura, criação de ovinos, caprinos, suínos, aves domésticas e de bovinos em pequena quantidade que incrementam a alimentação e fazem parte da agricultura familiar, inclusive com produtos incrementados na merenda escolar. Infelizmente, a região está no semiárido enfrentando muitas dificuldades causadas pelos longos períodos de estiagens faltando água até para o consumo humano. No período de chuvas a infrequência na escola aumenta, pois muitos auxiliam os pais nas atividades agrícolas.

Em 1998, trabalhadores rurais que ocupavam um cacimbão à procura de água, na localidade de Baixa Funda, na várzea do rio Puiú, encontraram 27 fragmentos de ossos fossilizados de uma preguiça gigante com aproximadamente de 5.000 anos, conforme datação feita pela Universidade de Toronto, a partir de encaminhamentos que foram feitos

pelo saudoso pesquisador Joaquim de Castro Feitosa, ressalte-se que os ossos fossilizados estão expostos no Museu Regional dos Inhamuns, na sede de Tauá.

A Vila foi habitada inicialmente pelos Carcarás (família Caracas), uma das mais tradicionais famílias da região, além das famílias Cidrão, Gonçalves, Pereira e Feitosa, sobrenomes que estão quase na totalidade dos estudantes matriculados na escola. Atualmente, a população deste distrito é de aproximadamente cinco mil habitantes segundo dados coletados nas duas unidades básicas de saúde da família do distrito. Os “marrequeiros” e “marrequeiras” como são identificados se caracterizam por manter as tradições culturais herdadas por seus antepassados como o forte apelo religioso católico, ao casamento entre parentes e, as mulheres, gostam de usar roupas com adereços brilhosos e cores chamativas se destacando entre as demais do município de Tauá.

A festa católica de seus padroeiros Jesus, Maria e José, celebrados no mês de abril com programação que faz parte do calendário oficial do turismo religioso do Ceará. Vale destacar que, milhares de pessoas frequentam as diversas atividades como novenário, caminhada da fé, pedal da fé, cavalgada da fé e outras. O período da festa proporciona momentos de lazer, religiosos, apresentações de bandas de forró e de encontros dos grupos políticos locais e até do cenário estadual. Durante o novenário, a comunidade se reúne para resgatar sua cultura com momentos de confraternização, quermesses, leilões, como também saborear os diversos tipos de comidas típicas das barracas. As escolas possuem um dia destinado para coordenar as atividades religiosas.

Vale ressaltar que, em seu artigo 5º da Constituição de 1988 estabeleceu textualmente que é “inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantia, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”. Logo, sendo Estado Laico, o turismo religioso no Brasil atende às diversas religiões institucionalizadas tais como as afro-brasileiras, espíritas, protestantes, católicas, as de origem oriental, em que o turista busca paz espiritual e a prática religiosa.

Na percepção de Paul Claval (1999, p.131) o papel da festa na demarcação da vida individual e coletiva é tão fundamental que a constante repetição no tempo justifica ações governamentais para a implementação da inserção no calendário turístico e melhorias para atendimento ao turista peregrino, turista de raiz ou turista de um modo geral. Assim, o turismo de raiz, que tem crescido é aquele realizado por antigos moradores da comunidade de Marrecas que se intitulam como “filhas e filhos da terra”, que trazem consigo parentes e amigos para conhecerem e visitarem os lugares onde possuem raiz desde os tempos de infância nos sertões do semiárido nordestino.

A Vila dispõe de duas escolas a da rede municipal, Escola de Ensino Infantil e Fundamental Jesus, Maria e José, da qual recebemos um número significativo de estudantes, e a Escola de Ensino Médio Raimundo Adjacir Cidrão de Oliveira, de ensino regular, pertencente à rede estadual A escola funciona sob a jurisdição da décima quinta Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (15ª CREDE) que gerencia os

trabalhos técnicos, pedagógicos e administrativos fazendo parte da estrutura organizacional da Secretaria da Educação Básica do Estado do Ceará (SEDUC/CE).

A escola desenvolve suas atividades desde 2014, porém sua estrutura física moderna foi inaugurada no dia 27 de junho de 2019 após funcionar por vários anos em escolas do distrito pertencentes à rede municipal, em condições precárias. Hoje disponibiliza de diferentes que oferecem condições para o desenvolvimento de projetos culturais que rememorizem as tradições da comunidade.

Recentemente, um estilo musical tem feito parte do cotidiano daqueles jovens, além das tradicionais vaquejadas, uma dança de forró intitulada como “pisadinha”. Portanto, as aulas de sociologia para as juventudes rurais podem ser espaços de educação, cultura, lazer e, principalmente, de valorização da cultura local. O ensino de sociologia em Marrecas pode ser bem mais diversificado quanto aos recursos audiovisuais, por todos os aspectos já mencionados, tradições religiosas, modo de vida das famílias, aspectos da cultura local como o modo de vestir, de usar acessórios.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que há em longo caminho a ser percorrido na relação entre Antropologia, Sociologia Visual e Ensino de Sociologia, principalmente quando articulamos a estes campos o ensino de sociologia no nível médio. Primeiro não se pode esperar dos alunos um trabalho de profunda discussão teórica (BRASIL, 2006), pois este não tem maturidade para tal, e não há nas orientações curriculares nacionais pressupostos metodológicos e nem princípios no âmbito teórico que tragam tal argumentação. Mas também não podemos deixar de ter a imaginação sociológica (MILLS, 1975) como possibilidade para isso, pois estaríamos sendo limitados no nosso fazer docente.

Em segundo, a oportunidade de retornar para a sala de aula com os diálogos em torno dos cadernos de campo, mostrando todo o percurso da atividade de pesquisa incrementando com o uso das linguagens visuais é uma oportunidade de desenvolver não só o pensamento criativo do aluno, mas o pensamento crítico, este por sua vez elevará o nível dos temas abordados como cultura, sociedade, identidade e etnocentrismo saindo do senso comum algo que discutimos bastante na disciplina de Teoria das Ciências Sociais II no Mestrado Profissional em Sociologia (PROFSOCIO).

Um terceiro aspecto é em relação aos conceitos e teorias sociológicas, pois é preciso ficar atento à indicação das Orientações Curriculares (2006) em não abstrair muito a ideia podendo desconectá-la da realidade. “Se isso acontecer, teremos problemas na condução das aulas, pois, ao ficar num nível muito abstrato, dificilmente se consegue trazer para a realidade a discussão com os alunos” (BRASIL, 2006, p. 119). Faz-se necessário a partir do que os estudantes trazem da realidade promover a mediação didática para abstrair estes conhecimentos.

O último aspecto se refere ao modo de conhecer a vida em sociedade diante da sua interpretação visual, em que a própria imagem é o objeto principal que permitirá a evolução do olhar sociológico, sem necessariamente estar vinculada a informações redutíveis a um conteúdo ou tema específicos. Nas palavras de Oliveira (2015) uma “vigilância epistemológica” por parte do professor de Sociologia, pois o aluno do ensino médio possui, inicialmente, um olhar alegórico do senso comum (perspectiva do seu contexto social) sendo tarefa do docente desta disciplina em levá-lo a desenvolver um novo olhar; em outras palavras, a fazer uma releitura do mundo social a partir de orientações teórico-metodológicas que a sociologia pode oportunizar.

Enfim, compete ao professor, a partir do programa da disciplina, ampliar seus recursos didáticos e construir metodologias de ensino que desenvolvam no aluno a capacidade de conectar a abordagem em sala de aula com uma compreensão empírica do assunto. É notório que o processo ensino-aprendizagem muito se relaciona com as estratégias que são utilizadas pelos professores.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z; MAY, T. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

_____, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio, na área de ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília, 2006.

CEARÁ, Secretaria da Educação Básica do Estado do. **Sistema Integrado de Gestão Escolar**. Disponível em <http://sige.seduc.ce.gov.br/> Acesso em 22 de Abril de 2020.

BOURDIEU, P. *et al.* **Photography: a middle-brow art**. Cambridge: Polity Press. 1990.

_____. O camponês e a fotografia. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, n. 26, 2006, p. 31-39. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a04n26.pdf>> Acesso em: 14 nov. 2019.

CHEVALLARD, Y. **La transposition didactique: du savoir savant au savoir enseigné**. Paris, Ed. La Fenseé Sauvage, 1991.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: EDUSC, 1999.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A imagem nas ciências sociais do Brasil: um balanço crítico. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v.47, p. 49-64, 1999.

LEAL, O. F. **A leitura social da novela das oito**. Petrópolis: Vozes, 1990.

MARTINS, Ana Lucia Lucas. Cinema e Ensino de Sociologia: usos de filmes em sala de aula. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13, 2007, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2007.

MARTINS, J. de S. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. 2ª ed. São Paulo, Contexto, 2014.

MEIRELLES, M.; SCHWEIG, G. R. Antropologia e educação: um diálogo necessário. **Revista Percursos**, Florianópolis, v. 13, n. 01, p. 81 – 98, jan. / jun. 2012.

MILLS, C. W. **A imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

MOURA, Lisandro Lucas de Lima. **Imagem e conhecimento**: a educação do olhar no ensino de Sociologia no Ensino Médio. 2010, 91f. Monografia. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MOURA, T. O. C.; MELO, P. B.; DUARTE, A. A prática etnográfica na escola média: uma proposta metodológica para a abordagem de cultura no ensino médio. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA, 4, 2015, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo, 2015, p. 1-20.

OLIVEIRA, A. Etnografia na escola? Cultura e pesquisa. In: CARNIEL, F.; FEITOSA, S. (org.). **A sociologia em sala de aula**: diálogos sobre o ensino e suas práticas. Curitiba: Base editorial, 2012. p. 86-99.

OLIVEIRA, A. Os desafios teórico-metodológicos do Ensino de Sociologia no Ensino Médio. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 32, n. 3, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175795X.2014v32n3p1019> Acesso em: 08 nov. 2019.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, ano 20, n.42, p. 377- 391, 2014.

PIMENTA, R. D. Sociologia no ensino médio: resgatando a pesquisa como princípio educativo. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA, n.3, 2013, Fortaleza, **Anais...** Fortaleza: ENASEB, 2013, p. 1-13.

SILVA, J.R. Livro didático como documento histórico: possibilidades, questões e limites de abordagem. **Revista de Teoria da História**. Goiás, n.5, p. 177-197, 2011.

VALE, Ana Moreirae et al. Descobrimo e construindo Tauá. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1999. 118p.

WEBER, Florence. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou**: por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alemanha 60, 61, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 156

Antropologia 6, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 24, 26, 65, 127, 170

Aprendizado 18, 32, 43, 44, 46, 80, 81, 86

C

Carimbó 7, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138

Cervejaria Brahma 8, 160, 163, 164, 165, 166

China 60, 61, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 157

Competências 7, 39, 42, 43, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 91

Cultura 7, 1, 2, 3, 7, 8, 9, 11, 12, 17, 23, 24, 26, 29, 30, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 51, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 77, 79, 81, 98, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 136, 137, 138, 146, 159, 170

Cultura hispânica 37

Cultura Popular 7, 103, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 137, 138

D

Democracia 54, 147, 148, 149, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 159

Diálogo 7, 18, 26, 44, 45, 55, 69, 71, 102, 103, 110, 111, 112, 113, 148, 150, 152

E

Educação Escolar 1, 2, 3, 6, 13

Educação Indígena 1, 5, 7, 8, 10, 11, 13

Ensino-aprendizagem 5, 25, 31, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 90

Ensino de Sociologia 5, 6, 14, 15, 16, 24, 26

Ensino Médio Rural 6, 14

Español 6, 27, 28, 29, 30, 33, 34

Espiritualidade 7, 102, 103, 104, 106, 109, 110, 111, 112, 113

Estado 6, 8, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 23, 24, 25, 37, 50, 56, 75, 113, 115, 116, 117, 119, 120, 122, 125, 127, 128, 138, 147, 148, 150, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164

Etnografia 6, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 26

Extremismo 8, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157

F

Formação de professores 5, 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 12, 20, 35, 40

Fundamentalismo 8, 147, 148

G

Garantias 7, 12, 115, 118, 122

H

Habilidades 32, 39, 42, 43, 46, 62, 64, 80, 81, 82, 83, 86, 100, 133

História política 160, 161, 170

I

Identidade 6, 1, 24, 28, 29, 30, 39, 44, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 57, 58, 59, 65, 75, 76, 77, 79, 90, 117, 127, 129, 132, 138

J

Justiça 7, 48, 52, 117, 122, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 154, 155, 160, 164

Juventude 7, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 159

L

Liberalismo 147, 150, 156, 157, 158, 159

Liberdade religiosa 7, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 125

Língua Espanhola 6, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

Literatura 5, 6, 30, 43, 44, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 90, 162, 163, 168

M

Mediações Didáticas 14, 17

Mística 7, 139, 143, 144, 145

Modernidade 7, 102, 103, 106, 107, 109, 110, 112, 113

Mulher Negra 75, 76, 79

N

Negociação 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 129, 149, 163, 169

O

Objeto de Aprendizaje 6, 27, 28, 31, 32, 33, 34

Ordenamento jurídico 7, 115

P

Performances Culturais 126, 127, 134, 137

Prática Reflexiva 6, 37, 38, 39, 40, 46

Profeta-Escravo 7, 139, 142, 144, 145

Profeta-Servo 7, 139, 142, 144, 145

R

Religiosidade 7, 2, 103, 104, 108, 111, 113, 114, 120, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 134

Representatividade Afro 48, 57, 58

S

Sindicato 8, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168

Solidariedade 7, 48, 52, 139, 141, 142, 143, 144, 145

T

Tecnologias Digitales 27, 28, 30, 31, 33, 34

Transição Capilar 7, 75, 76, 77, 78, 79

U

Universidade 1, 22, 26, 27, 37, 60, 72, 73, 75, 80, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 99, 100, 101, 102, 107, 108, 111, 113, 114, 138, 146, 147, 159, 169, 171

AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO PROTAGONISTAS NO MUNDO ATUAL 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO PROTAGONISTAS NO MUNDO ATUAL 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021